

## Entrevista com Claudio Guillén

*Ricardo Araújo  
Universidade de Brasília*

Em 1991 o professor Claudio Guillén esteve na Universidade de São Paulo, ministrando o curso “Literatura do exílio”. Na ocasião, Guillén concedeu-me esta entrevista. Ele é autor de “Entre el uno y lo diverso”, e é filho do poeta Jorge Guillén, autor de “Cántico” e prêmio nobel de literatura. Claudio Guillén falou sobre teoria literária, sobre a Espanha de Franco, sobre seu pai e sobre “Cántico”. As observações de Claudio Guillén são eruditas, penetrantes, sempre marcadas por uma sólida cultura. O entrevistado une ao mesmo tempo o “uno e o diverso” e sua exposição muitas vezes é de uma poesia comovedora. É, sem dúvida, um momento importante para a Teoria Literária.

**Ricardo Araújo:** Que o tipo de literatura surgiu na Espanha pós-Franco?

**Claudio Guillén:** Não houve o descobrimento de grandes obras que estavam sendo guardadas no baú e que esperavam a queda de Franco para serem publicadas. Não houve, deste ponto de vista, nenhuma consequência imediata. Mas a transformação do ambiente, das circunstâncias, possibilitou a liberdade, a esperança, ou seja, todas as formas de comunicação que forneceram, nos anos seguintes, o surgimento de novos talentos. Quando acaba uma ditadura, ocorrem coisas muito curiosas, por exemplo, os melhores jornalistas opostos àquela ditadura são surpreendidos pelos sustos da liberdade, porque estavam acostumados à ironia, à alusão, ao drama oculto, que são procedimentos tipicamente literários. Portanto, para muitos escritores esta

grande liberdade implicou uma mudança radical de procedimento literário. Na Espanha, nos últimos anos, surgiram muitos escritores novos, romancistas de talento, mas ainda são muito jovens e os grandes escritores são os mesmos de antes.

**Ricardo Araújo:** Não surgem grandes escritores a todo momento?

**Claudio Guillén:** Não se improvisam escritores de grande capacidade intelectual. Não há na Espanha, na Inglaterra, França, Itália ou Alemanha um número imenso de escritores com grande talento. Na Espanha continua sendo Rafael Alberti, que tem mais de noventa anos. E esta romancista que viveu muitos anos no Brasil, Rosa Chacel. Assim, Delibes, e poetas com Claudio Rodríguez, José Hierro e Carlos Bu-soño continuam sendo os melhores escritores e o eram quando Franco morreu.

**Ricardo Araújo:** E a literatura na América latina?

**Claudio Guillén:** Na América Latina houve uma enorme plêiade de escritores de primeiro nível que foram uma revelação para o mundo e alteraram muito as circunstâncias de qualquer um que escreva em língua espanhola. Não é possível escrever em espanhol depois de Borges da mesma forma como se escrevia antes de Borges; não é possível que se escrevam contos como se não tivesse existido Cortázar; não é possível mais vislumbrar o mar como se não o houvesse descrito Alejo Carpentier, e não é possível refletir sobre o passado e o presente da América latina como se não o tivessem feito Mário Vargas Llosa e Carlos Fuentes.

Tudo isto permite ao escritor de língua espanhola sentir-se mais próximo do mundo literário de língua espanhola que mesmo de sua própria nacionalidade. Aliás, a noção de nacionalidade literária está em crise: o escritor de língua espanhola ou se sente parte, talvez colega, do escritor de língua espanhola de outros países, ou de outros escritores em outros países.

**Ricardo Araújo:** “Entre el uno y lo diverso”, este título, como outras disjunções local/uni-versal, particular/geral, parte/todo, aponta para um espaço situado entre dois opostos. Pergunto: existe no termo “uno” uma intenção parmenídea de fazer do tempo um *continuum*?

**Claudio Guillén:** Poderia ser pretensioso afirmar que esta oposição tenha características exclusivamente crítico-literárias. Creio que existe uma unidade e uma universalidade – que não pode ser completa –; aquela significando um grande conjunto de textos literários que o comparatista trata de conhecer *em* suas dimensões mais amplas e uma “universalidade” no espaço e no tempo. Nesse universal é onde se encontra o constante, ou seja, o fundamental: aquilo que corresponde ao tema literário de estudo.

A diversidade é a mesma no tempo e no espaço, i.é., para o estudioso de literatura as diferenças entre épocas não são tão fáceis de se distinguir das diferenças entre espaços culturais. A diferença no tempo é tão importante quanto a diferença na cultura e, ao meu ver, é prioritária a diferença no tempo, ou seja, o sentido histórico – que não podemos perder – que forma parte da experiência da minha geração e de outras gerações que viveram a história de perto e sabem que ela não é um fantasma. Penso, portanto, que, de um modo geral, sou pluralista. Acredito que a linguagem, os hábitos intelectuais, nossa formação nos obriga a tomar atitudes unitárias perante o mundo. Semelhantes atitudes nos fazem perder a consciência da riqueza, da complexidade e da diversidade do mundo.

Por outro lado, não estou convencido de que o mundo seja uno, de um ponto de vista que não seja o das ciências físicas e naturais. Este sentido de viver em mais de um mundo é algo que se quer de verdade. Experimento, vivo em mais de um mundo social, cultural, temporal, espacial e o sentido da diversidade é, para mim, cada vez mais agudo. Quando me aprofundo nos problemas da literatura comparada termino finalmente sendo um campeão da diversidade. Creio que quem ler o meu livro sairá pensando que o diverso termina ganhando.

**Ricardo Araújo:** A analogia é um movimento em que se encontra a semelhança entre dois objetos diferentes. O próprio Aristóteles falava

que as coisas diferentes se distinguem no que se assemelham. Então como se dá essa analogia, esta busca da identidade que permite um movimento extrínseco e intrínseco em relação à obra?

**Claudio Guillén:** Sem dúvida. Minha formulação sobre analogia é a tradicional como você disse aristotélica. O que tento definir é uma espécie de surpresa que se dá quando se tem consciência da diferença, surpresa até certo ponto limitada. Isso porque a analogia é o descobrimento insólito de que experiências culturais que são absolutamente distantes no tempo e distintas não o são tanto.

Exemplifico nesse caso a analogia através de um artigo que observo na poesia épica dos iugoslavos, de alguns bardos que improvisam milhares de versos em uma só noite, mesmo sendo analfabetos.

O que estes bardos teriam em comum com Homero, por exemplo? Nesse caso trata-se de uma analogia ousada e surpreendente. É isso que eu proponho por analogia: buscar essa não distinção entre épocas e culturas.

**Ricardo Araújo:** Em que sentido o conceito variação como desenvolvimento de numerosos aspectos de um mesmo tema pode ser atendido como ritmo na aceção analógica, uma vez que o ritmo tem um modelo idêntico a si mesmo, apesar de diverso, na medida em que ele depende das diferenças existentes em cada momento em que se produz a variação? Portanto, “lo uno y lo diverso” não seriam momentos de convergência, idênticos e diversos, do diverso e do único, de um ritmo, por exemplo?

**Claudio Guillén:** Suas perguntas são muito complexas. Mas você está me perguntando do ângulo da temporalidade, do ritmo, da variação no tempo. Outra vez me encontro entre dois campos, da arte moderna e da crítica, ou seja, da minha própria observação crítica. No caso do romance, por exemplo, um dos romances mais temporais, cuja forma é muito mais um caos no tempo é “La Chartreuse de Parme” de Stendhal. Stendhal nos faz sentir o trânsito do tempo, o tic-tac do tempo. Lucáks em sua “Teoria do romance” nos diz que o autor em “La Chartreuse de Parme” coloca sinais ao longo do romance que são ver-

dadeira torres e elevações que criam uma certa unidade na sucessividade do tempo. Essa unidade é um ritmo, mas não um ritmo análogo.

Um outro aspecto são as variações que qualquer estudioso, sobretudo na literatura comparada, quando uma mesma situação é interpretada de forma distinta. É por exemplo, o caso da experiência do exílio, tal como acabo de considerar nas aulas da USP. O estudo do exílio, com o diálogo entre as reiteraões e as mudanças entre a recorrência e a historicidade, permitiu-me uma mudança indissociável da experiência do estudo da literatura. Cria-se, assim, um ritmo que é próprio da antologia, ou seja, o conjunto reunido pelo crítico.

**Ricardo Araújo:** Então como na diversidade do universo literário o autor cria sua antologia única, una?

**Claudio Guillén:** Eu creio, firmemente, que o leitor corrente, estudioso de literatura, logo o profissional da crítica e história da literatura está, pouco a pouco, criando sua própria antologia. Seleccionamos obras que estão mais próximas de nossa própria sensibilidade e da curva de nossa experiência histórica. Tenho consciência daquilo que menos conheço, daquilo que fica fora dessa antologia. Isto porque muitas vezes esta antologia não é totalmente voluntária: é o resultado da formação de alguém, das línguas que conheceu, dos professores que teve, dos lugares que esteve. Por exemplo: estou muito consciente da minha ignorância da literatura brasileira. E, de certo modo, isto pode ser percebido em “Entre el uno y lo diverso”, pois é um livro que escrevo sobre tantas coisas e se nota muito bem o meu desconhecimento da literatura brasileira.

**Ricardo Araújo:** Agora você pode conhecer o lugar e a literatura mais de perto...

**Claudio Guillén:** Acredito que minha vinda ao Brasil é em grande parte e, principalmente, para conhecer melhor a literatura. E não só conhecê-la de longe, mas de perto, conhecer os livros a partir de uma experiência com o país, com pessoas comuns e com os críticos. Como

a minha experiência física quando fiquei doente, por exemplo, ou mesmo quando perdi o avião. Portanto, toda esta experiência pessoal era importante para que eu conhecesse o Brasil, porque percebi que ficara fora desta analogia que de um lado é analogia ativa e por outro é também resultado de circunstâncias, sistemas.

**Ricardo Araújo:** A diversidade só é apreendida de forma pessoal, singular, ou seja, o diverso tem que ser uno, pessoal. Até que ponto esta não é uma proposição fenomenológica de uma leitura do real, uma vez que cada um tem na diversidade do real apenas uma leitura?

**Claudio Guillén:** Sim, sem dúvida. Acredito que a diversidade das obras literárias, dos autores e das experiências nelas manifestadas estão unidas a uma experiência fenomenológica da diversidade do real. Tive diversas vezes essa sensação profunda do real e da diversidade quando estava em um jardim que eu havia organizado e cercado, na minha casa na Califórnia. Havia, naquele momento, reduzido à unidade que fosse um jardim, que possuísse uma fronteira, umas árvores que reunissem uma certa homogeneidade de flores, de formas e arbustos. Era um jardim maravilhoso. Aí dei-me conta que estava impondo uma unidade excessiva sobre a essencial pluralidade do jardim. Até agora não perdi o sentido de que esse momento de iluminação em que senti a diversidade de um jardim, de certa forma, correspondia à minha experiência histórica e cultural, dos distintos níveis que vivemos socialmente, psiquicamente, lingüisticamente, literariamente.

Então isso poderia ser efetivamente como você propõe uma experiência unificadora de tudo que sentimos, ou seja, da realidade como pluralidade.

Minha voz é minoritária e são muitos os que lutam, os que impõem à atividade uma visão unificadora principalmente no plano conceitual e teórico. Meu livro, até certo ponto, é uma luta contra a tendência à unificação da teoria literária. A teoria tende a unificar e acabamos falando da literatura como se fosse a literatura da Lua e não fossem literaturas que existem na Terra.

**Ricardo Araújo:** Precisamos conversar mais sobre esse jardim. Voltaire, por exemplo, diz que antes de pensarmos em fazermos alguma coisa pelo mundo, devemos, primeiramente, pensarmos no nosso próprio jardim; Edgar Allan Poe descreve um jardim estilizado, que tende à perfeição; Borges com seus jardins e senderos que se bifurcam; Rimbaud com Ofélia enfeitando um jardim que fôra de Shakespeare... Ou seja: até que ponto o jardim pode ser vislumbrado como reminiscência de jardim que se perdeu, de um paraíso perdido, como propôs Milton?

**Claudio Guillén:** Sim concordo. Os jardins representam a busca da natureza de uma ordem e de uma felicidade que a sociedade nega; o amante do jardim é como o herói de Voltaire, no final de "Cândido", uma pessoa enganada de sua carreira na sociedade. Vamos ao jardim pelo desengano, a indignação social, inclusive a misantropia. Mas, percebi, que o jardim não é só o ponto intermediário entre a racionalidade visual e a espontaneidade do mundo natural, mas é sobretudo razão e ordem. Se você tiver um dia um jardim terá que lutar para que não acabe tendo um pouquinho de Brasília, porque o jardineiro e todas as pessoas desejam, ordená-lo, convertê-lo em simetrias. Então, você replica: eu quero que se pareça um pouco com o campo! Embora o jardim acabe não sendo campo... sendo neo-clássico, ordenadíssimo, estilizado.

**Ricardo Araújo:** Quais são seus planos editoriais na Espanha?

**Claudio Guillén:** Estou coordenando uma coleção de escritores da América. Na Espanha não há uma coleção de livros acessíveis ao grande público dedicada exclusivamente a escritores da América Latina. Há coleções de letras hispânicas nas quais figuram alguns escritores da América Latina. Há coleções de letras hispânicas nas quais figuram alguns escritores latino-americanos, mas sempre em número inferior de escritores espanhóis. Isto está começando a mudar e estamos lançando uma coleção de escritores subvencionada pelo Ministério da Cultura e com a infra-estrutura da Corporação Socialista de Málaga. Estamos lançando também uma coleção de escritores ameri-

canos. Agora tenho uma lista de grandes autores brasileiros que espero sejam traduzidos em espanhol.

**Ricardo Araújo:** Poderia citar o nome de alguns?

**Claudio Guillén:** Os mais evidentes: Gregório de Mattos e Claudio Manuel da Costa até Murilo Mendes e João Cabral, passando por escritores fundamentais como Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, buscando, às vezes, escritos menores como as memórias, as correspondências e os livros de viagem. Não será uma coleção de clássicos no sentido obrigatório e antipático da palavra, mas sim uma forma de exploração, de descobrimento por parte do leitor de língua espanhola desses escritores. Por exemplo: as memórias de Pedro Nava, textos críticos desses escritores, cartas de Mário de Andrade além de outros autores e outras obras.

**Ricardo Araújo:** O senhor poderia falar sobre poesia brasileira contemporânea?

**Claudio Guillén:** A poesia jovem não posso dizer que conheço. Minhas leituras têm sido de autores básicos, pois meus conhecimentos são limitados. Gosto de autores como Manuel Bandeira, João Cabral. Eu conheço também a poesia de Drummond que aprecio muitíssimo e se parece muito com a poesia de meu pai, mas não gosto de fazer muitas analogias com a Espanha. Por exemplo, Murilo Mendes foi amigo de meu pai e João Cabral tem muitos textos sobre a Espanha, mas não quero me concentrar nisso.

**Ricardo Araújo:** Poderia falar alguma coisa sobre Jorge Guillén?

**Claudio Guillén:** Não tive nenhum problema pessoal com meu pai, nem literário, nem profissional. Pelo contrário: foi sobretudo nos últimos anos de sua vida que nos vimos muito e foi simplesmente uma delícia ser seu filho. Passávamos muito tempo juntos, era muito diver-

tido. Meu pai era muito ameno. Era tudo: menos um homem solene, gostava muito de viver e desfrutar da comédia humana. Creio que sua orientação como leitor e como escritor foi o ponto de partida para minha carreira como crítico e leitor. E se há certos escritores que não conheço muito, como Nietzsche ou Blake, é porque não eram leituras básicas do meu pai. Apesar de que em matéria de poesia seu conhecimento era muito vasto. Viveu com grande intensidade desde a juventude os grandes poetas franceses, não só Baudelaire, mas também Rimbaud que ele gostava muito. Seu conhecimento da poesia italiana também era expressivo. Ele também conhecia os clássicos gregos, latinos e orientais e voltou-se a essas leituras na velhice. Tinha grande amplitude de observação como leitor, mas sempre ancorado nas literaturas românicas, nas ibéricas, na francesa, na italiana. Em sua juventude foi “francófilo” e na velhice “italianófico”, sentiu uma grande paixão pela Itália em seus últimos anos.

Aprendi muito com ele e nos últimos anos a influência era mútua. Quando ele trabalhava na conclusão dos livros posteriores a “Cântico”, por exemplo no livro “Homenaje”, onde escreveu muito sobre outros escritores, eu lhe ajudava; ou ainda, quando precisava traduzir um poeta hebreu ou algum escritor do leste europeu e escritores de língua portuguesa, eu o auxiliava na tradução. Também lhe ajudava a localizar livro e enriquecer suas leituras. Creio que contribuí um pouco para completar a antologia de suas últimas leituras e de suas últimas poesias.

**Ricardo Araújo:** O senhor poderia falar sobre os “Cântico”?

**Claudio Guillén:** O senhor perguntou até que ponto eu estava de acordo com “Cântico” Quando eu era um adolescente, um jovem, não. Mas na juventude normalmente somos mais melancólicos. E este livro é essencialmente assombrado pelo mundo e com uma constante adesão à vida. Isto era um pouco distante para mim em minha juventude, porque coincidia com a guerra civil espanhola e com a II Guerra Mundial. Fui soldado nas forças francesas livres de De Gaulle. Eu vi a guerra e toda a hecatombe judia de perto – minha mãe era francesa de origem judia. Tudo isso não estava em “Cântico”. Então, nesse mo-

mento havia certa distância que foi se reduzindo nos livros posteriores a “Cântico”, mas quando fui envelhecendo, e com os anos, estou cada vez mais de acordo com meu pai.

Creio, cada vez mais, que é preciso extrair de uma sombra que está sobre a vida, o amor à vida e de começar a conhecer a realidade. Esta é a única coisa que realmente temos e é uma completa loucura querer desconhecê-la. Embora seja uma das convenções mais utilizadas, mais manuseadas e mais batidas da literatura do século XX: o ódio, a vida, o aborrecimento para com a vida. E isto é tão convencional como um soneto do século XVI aos cabelos de Amarilis... Esse fenômeno é algo que precisa ser superado.

Creio, desse ponto de vista, que a poesia de meu pai voltará a ser lida quando as pessoas deixarem de pensar que o que se leva, que o que está “in”, e o que está na moda é o aborrecimento da vida.